

Estética, culto e religião O paradoxo da Música: *Novas Músicas!* *Novos Cultos! Nova Religião?*

“Quando o mito morre, a música torna-se mítica; tal como as obras de arte: quando a religião morre, deixam de ser apenas belas e passam a ser sagradas.”

LEVI-STRAUSS, *L’Homme nu*

Gostaria de começar por agradecer à Faculdade de Teologia o convite que me foi endereçado para participar nestas jornadas. É, sem dúvida, uma oportunidade de alargar o âmbito da colaboração, sempre frutuosa e criativa, entre a Escola das Artes e a Faculdade de Teologia da nossa Universidade.

O tema que me foi proposto é aliciante! Tão aliciante como complexo! As relações da Arte com a Religião e o Culto foram sempre bastante paradoxais. Apesar de, em todas as épocas, estas duas realidades andarem de mãos dadas, influenciando-se mutuamente, nunca deixaram também de ter um relacionamento, muitas vezes conflituoso e difícil. Estamos pois perante uma questão ampla e densa, especialmente se a queremos integrar no tema mais vasto destas jornadas: *“As novas idolatrias e a permanência da Revelação”*.

Perante a pluralidade de ângulos e perspectivas sob as quais esta questão pode ser abordada e analisada, optei por seguir uma linha que terá a música como eixo condutor, facto que está expresso no subtítulo proposto: *“O Paradoxo da Música: novas músicas! Novos cultos! Nova Religião?”*

Este subtítulo manifesta, exactamente a centralidade da minha abordagem no fenómeno musical contemporâneo, que corporiza e assume, em muitas das suas expressões, uma nova forma de culto. Iremos ver em que medida e até que ponto, estas novas formas de culto pretendem substituir o papel até agora desempenhado pelas religiões, constituindo uma espécie de proto-religião ou simplesmente um ressurgir da religiosidade, num tempo de secularização. Irei dividir a minha intervenção em seis pontos: algumas reflexões sobre **Estética**, um segundo ponto sobre as **Religiões e a Arte**, o **Culto e os Novos Cultos**, a **Música**, as “**Novas**” **Músicas** e um último ponto que ecoará mais como uma interrogação que fica – “**Nova Religião**”?

1. Estética

Começemos com algumas reflexões, breves, acerca da **Estética**. O século XX assistiu a uma explosão de interesses pela Estética. Perante a crescente insuficiência da Metafísica, em confronto com a realidade moderna e pós-moderna, onde esta se movimenta com dificuldade, a Estética parece querer tomar o seu lugar. De facto, uma das leituras positivas do Pós-modernismo é o imperativo hermenêutico de entender e analisar os fenómenos, as teorias e as realidades, numa perspectiva global e abrangente, integrando-os e não os isolando, nem colocando em concorrência. Esta busca plural de compreensão da realidade e da vida, como característica da pós-modernidade, acaba definitivamente com os sistemas fechados, impermeáveis e rígidos, já que a realidade da existência também não é assim.

Neste sentido, embora não me pareça possível afirmar, como pretendem alguns autores, que a Estética substituirá a Religião e a Ciência, não há dúvida que o renovado interesse pela Estética, está bem patente na multiplicidade de obras e revistas da especialidade que se têm vindo a publicar, bem como a dinâmica e o sucesso das cátedras de Estética que têm surgido nos grandes centros de estudo da Filosofia.

Partilho da opinião daqueles que não limitam a Estética a uma pura Ciência da Arte, mas consideram que a actividade artística deve ser um profundo reflexo da vida social e individual, embora não se esgote, em absoluto, nela. Por isso, podemos afirmar como Mikel Dufrenne que o objecto estético transporta em si o mundo que revela.

Não entrarei aqui na clássica, polémica e inconclusiva questão da distinção entre Estética, Teoria da Arte, Filosofia da Arte e Ciência da Arte (Kunstwissenschaft), na linha da discussão, de resto muito fértil, no âmbito da Filosofia Alemã. Para a nossa reflexão, esta distinção e aferição de conceitos, não traria nenhum contributo significativo, até porque

a postura dos vários autores nesta matéria está longe de ser clara e muito menos consensual.

No entanto, gostaria de fazer uma curta referência a um autor que traz contributos importantes para uma melhor compreensão do lugar da arte na sociedade contemporânea, nomeadamente como expressão dos valores essenciais do ser humano: Hans Georg Gadamer, filósofo alemão, aluno de Heidegger, com actividade docente nas Universidades de Marburgo, Leipzig, Heidelberg e Frankfurt. Um dos aspectos que marca a sua obra é a recuperação de uma metafísica da expressão artística e da arte vista como uma hermenêutica.

Gadamer, na sua obra “*Wahrheit und Methode*” (Verdade e Método) recusa encerrar a experiência artística no âmbito efémero da consciência estética. Para ele, a arte não pode ser colocada num âmbito ideal, completamente separada da realidade, subestimando assim a valência ontológica da obra de arte, com a sua profunda pertença simultaneamente ao ser e à verdade. Vemos Gadamer a tentar uma recuperação da Metafísica, ao dar uma determinação ontológica à expressão artística, nomeadamente através da introdução original e surpreendente do conceito de jogo, dando relevo particular à experiência lúdica, aspecto que não poderemos neste âmbito desenvolver. Para Gadamer, toda a fruição da arte é uma interpretação e mesmo qualquer modo de fazer arte é já um interpretar, é já um colocar-se relativamente a algo – um modo de reproduzi-lo e de representá-lo. O artista na sua actividade comporta-se como um hermeneuta. Esta é uma perspectiva que coincide, no essencial, com os caminhos que certa música contemporânea vai seguir, como forma de se posicionar perante certas realidades e situações, com as quais a existência humana é confrontada.

Assim, a arte não possui apenas o carácter de absoluta espontaneidade e criatividade, mas Gadamer dá importância à presença constante da tradição humanista e dos seus conceitos básicos, como a cultura, o senso comum e o bom gosto.

Aqui deixa de ter sentido a habitual “distinção estética” entre o mundo da vida e o mundo da arte! Pelo contrário, o mundo da arte faz parte do mundo da vida do homem, que recusa a unidimensionalidade do seu existir.

2. Religiões e arte

Um segundo ponto referirá a problemática das **religiões** e da **arte**.

O homem necessita da arte para exprimir toda a sua realidade enquanto ser vivente, racional, consciente, livre e também religioso. Como referi no início, seria erróneo reduzir a criação artística a uma pura

necessidade de expressão estética, já que a arte nos projecta para além desta. Pela arte, o homem procurou exprimir aquilo que sempre julgou ser inexprimível. Por isso, a arte acompanhou, desde sempre, as expressões mais profundas do sentimento religioso do homem.

As religiões surgem como espaços polarizadores do sentido da existência, onde as questões mais profundas do Homem são consideradas e onde se busca uma resposta. É na busca dessa resposta, que a arte desempenha um papel fundamental. A arte, como a religião, estimula e desafia a totalidade do ser humano: interroga-o, põem-no em questão e, ao mesmo tempo, dá-lhe sentido.

Mas se as religiões sempre tiveram o papel de centro polarizador do sentido da existência, hoje elas vêm o seu âmbito de acção posto em cheque, existindo uma franja importante da sociedade humana que não se revê nelas, nem encontra aí resposta para as suas ânsias e interrogações. Para isso contribui, entre outros, o descrédito que os conflitos políticos, sociais e culturais de matiz religiosa e confessional provocam, desfocando o verdadeiro lugar e missão das religiões no seio da comunidade humana, bem como a crescente dificuldade destas adoptarem, perante o mundo, uma linguagem adequada e mobilizadora.

Todas as religiões possuem uma dimensão cultural onde as acções rituais ocupam um lugar privilegiado. Elas têm uma dupla função: pôr em relação os fiéis com a divindade e integrar os indivíduos no grupo dos crentes, criando comunidade. Não há pois, religião sem culto e não há culto que não possua uma dimensão estética. A actividade cultural sendo também o reduto de todos os sentidos, usa a arte como uma das formas e expressões privilegiadas do seu acontecer.

Temos o círculo completo: a arte aparece como um elemento determinante do processo de ritualização do culto, daí, a ligação intrínseca entre a arte e o rito.

3. Culto e Novos Cultos

No terceiro ponto, gostaria de abordar a questão do **Culto e dos Novos Cultos**.

A perda de terreno das religiões, atrás referido, tem na falência da sua actividade cultural, uma causa e ao mesmo tempo uma consequência, com o crescente empobrecimento e até esvaziamento das suas práticas rituais, linguagens e expressões. A existência humana vê-se confrontada nas sociedades contemporâneas, com fortes exigências e desafios, que

colocam ao indivíduo e aos grupos, interrogações profundas, às quais as Religiões parecem não dar resposta ou, pelo menos, a resposta que dão é insuficiente ou não chega aos endereçados. É neste contexto e fruto da inevitabilidade da abertura e atracção do ser humano pelo transcendente, pelo infinito que sente pulsar dentro de si, que surgem fenómenos de substituição, de grande dimensão e alcance social, em concorrência directa com os cultos religiosos: são o que poderemos designar por “novos cultos”.

Estes novos cultos, apresentam-se com as características comuns aos cultos religiosos, embora com uma fenomenologia muito própria. Podemos resumir essas características em quatro aspectos:

1. *Aproximam e exprimem o inefável*, sendo veículo de profundos sentimentos, projectando-nos em áreas onde o discurso verbal e conceptual pouco podem traduzir; veiculam uma mensagem existencial do mais íntimo e profundo que é possível ao homem exprimir, mesmo quando esta mensagem está revestida de conotações negativas e nihilistas.
2. *Criam comunidade e cumplicidade entre o grupo*, sendo factor de ligação entre os seus membros. O facto das pessoas se unirem à volta de um mesmo som, de um mesmo ritmo, de um mesmo fenómeno musical e com ele se manifestarem e vibrarem, estabelece e desenvolve laços de interdependência, complementaridade e consciência de pertença ao grupo, com a consequente atitude de resistência e contestação ao grupo social envolvente.
3. *Fazem festa*, sinal de um momento em que algo se celebra, muitas vezes pela exuberância e pelo excesso, mas que, por isso mesmo, se evidencia. Pela festa, o homem e o grupo revelam, vivem e manifestam os valores que aí são celebrados, e fazem-no de muitas formas: desde o vestir, ao pentear, até ao modo de adornar o corpo, aos gestos e comportamentos.
4. *Introduzem um tempo e um espaço diferentes*, exprimindo o excesso, a plenitude, provocando e estimulando a dimensão lúdica e até telúrica do homem, polarizando e libertando sentimentos vitais por vezes inibidos por normas sociais e culturais.

Seria aqui o lugar para fazer uma pequena reflexão sobre o sentido e a pertinência de uma Antropologia da Festa, como espaço onde a Arte, a Religião e o Culto se encontram e se manifestam. Infelizmente, o tempo disponível não o permite.

Ora, qualquer abordagem da problemática da arte (e é disso que se trata no nosso tema), rapidamente se torna abstracta e inerte se se distanciar das próprias expressões artísticas. Sem esse esforço de proximidade e convivência, caímos facilmente em monótonas abstracções. Por isso, impõem-se uma passagem imediata ao fenómeno musical contemporâneo, que abordarei no ponto seguinte.

4. Música

Desde as suas origens que a **Música**, à semelhança das outras artes, se encontra em estreita relação com a religião. Apesar de todos os conflitos e opacidades que, ao longo da História, perturbaram as relações entre os protagonistas dos dois lados, a relação entre música e religião nunca foi quebrada. Talvez nunca possa ser quebrada, já que ambas as vivências se encontram no âmago da textura da existência humana.

A música será sempre uma “*arte sagrada*”, mesmo quando não se trata do “*sagrado*” em sentido estrito, seja numa sala de concertos, num teatro de ópera, num estádio transformado num templo de música rock, ou em qualquer sítio onde a música aconteça e toque a interioridade de quem a ouve e faz.

A música apresenta-se hoje, ao mesmo tempo como um paradigma e um paradoxo:

– por um lado, a arte musical ocupa, no horizonte cultural das sociedades, um lugar proeminente, como arte nobre e edificante, manifestação daquilo que de melhor a humanidade foi capaz de criar e de exprimir;

– por outro lado, o homem contemporâneo é confrontado, na vida quotidiana, com a utilização da música de uma forma pluridireccional, que ofusca e até distorce o lugar que ela já ocupou na vida do ser humano.

Vivemos uma época em que se “*usa e abusa*” da música! Em todos os locais e a propósito de qualquer acontecimento ela é solicitada e está presente. A sociedade é levada hoje a ver a música apenas como um meio de distracção, de relaxamento, de entretenimento, como forma de criar um ambiente que nos faça sentir bem, esquecer o tempo e despender dinheiro (nas grandes e massificadas superfícies comerciais). A música como que se tornou uma realidade omnipresente, quase só para ouvir ou até mesmo nem para isso, apenas para estar presente, existir como “*pano de fundo*” e harmonizar os espaços com os sons.

Outro elemento importante é a evolução vertiginosa das tecnologias que, dotadas de um altíssimo grau de sofisticação, são capazes de elevados

índices de fidelidade e perfeição, contribuindo de modo decisivo para que a música se transforme num fenómeno muito mais para ser ouvido, do que para ser executado. Tudo isto leva a um sufocamento da capacidade natural da experiência do “*fazer música*”, atirando-nos para o mundo do “*consumismo sonoro*”.

No entanto, não foi sempre assim! A música nas sociedades primitivas ocupava um lugar insubstituível nas principais manifestações e celebrações da vida da tribo e do grupo. De facto, a música acompanha desde as origens toda a evolução do homem, ela é expressão da sua hominização e humanização: criou-se com a própria cultura até se definir mais tarde como arte dos sons. A música é uma arte que nasce com o homem. Ela está presente nos seus momentos e experiências mais radicais, fazendo parte constitutiva da vida da tribo: nascimento, morte, passagem ao estado adulto, casamento, colheitas, caça, guerra. Está também presente nos seus ritos e cerimónias: no culto divino, nas manifestações políticas, na entidade jurídica, na cura de doenças, no êxtase e no ocultismo, no trabalho, em relação com o erótico e com a sexualidade, na dança e no teatro.

Os estudos tipológico-comparativos das diversas formas culturais e os testemunhos que no campo da expressão musical é possível obter, levaram Wolfgang Suppan a definir 3 diferentes níveis ou estádios, na evolução do papel que a música desempenhou nas sociedades, que nos podem ajudar a compreender o paradoxo a que me referia há pouco:

1. No início, a música é considerada algo que se poderá definir como um “*objecto de uso*” na vida da tribo, com uma forte função ritual;
2. Mais tarde passa a ser um “*objecto de uso*” com crescentes funções de ornamento e adorno, começando a intensificar-se a sua função de acompanhamento e entretenimento, ao mesmo tempo que se inicia um progressivo processo de desritualização;
3. Numa terceira fase, a música passa a puro *objecto de ornamentação e decoração*, perdendo a sua identidade original.

O mesmo autor compara esta evolução com o uso da taça e do prato, que foram originalmente descobertos como formas com as quais se podiam tomar alimentos de modo mais fácil e eficaz, ao mesmo tempo que com isso se fazia comunidade e incrementava o espírito de grupo (1.^a fase); depois, estes objectos (taça e o prato) seriam ornamentados e pintados, mantendo contudo ainda o seu uso (2.^a fase); numa 3.^a fase, o prato

e a taça não seriam mais usados, mas constituiriam elementos decorativos, como peças de museu ou recordações de um determinado povo, mas sem ligação ao seu sentido original.

Actualmente, e no que se refere à música, podemos afirmar que estas 3 fases coexistem, embora na nossa sociedade exista uma tendência dominante para entender a música mais na linha da terceira fase: como divertimento e passatempo.

No entanto, ao mesmo tempo, proliferam os fenómenos musicais que reclamam uma missão libertadora, de catarse social e individual, de intervenção política e social, muitas vezes de alienação, instigação à violência, veiculando valores e contravalores. Todos estes casos, têm um denominador comum: são fenómenos que fomentam novos cultos e criam novos ídolos.

A música, como a arte em geral, recusa ser reduzida ao belo e ao agradável, não abdicando de ser expressão do homem e da existência, com todas as suas dimensões, matizes e constrangimentos, mais ou menos humanos, mais ou menos positivos, mais ou menos justos, mais ou menos verdadeiros, mais ou menos reais. O culto cristão foi perdendo esta acuidade semântica e a ligação das suas expressões e linguagens artísticas à realidade e à vida, caindo na tentação de circunscrever a sua dimensão estética a um puro ornamento ou elemento de solenização, a uma fruição do gosto, ou então, a um papel funcional, esquecendo toda a sua dimensão sacramental, mistagógica e simbólica. Deste modo, é ele mesmo que cria o espaço para o aparecimento de novos cultos.

A afirmação de Lévi-Strauss, que serve de mote a esta intervenção, vai exactamente neste sentido: *“Quando o mito morre, a música torna-se mítica; tal como as obras de arte: quando a religião morre, deixam de ser apenas belas e passam a ser sagradas.”* Ela aponta não apenas para a cumplicidade estreita que existe entre a Arte e a Religião, mas para o seu carácter substitutivo, assumindo muitas vezes uma, o papel da outra. A música não se fez esperar e rapidamente se apoderou deste espaço vazio.

5. As novas músicas

Nenhuma época, como a que estamos a viver, assistiu a uma tão grande proliferação e criação de mundos, sistemas e sintaxes musicais específicos, independentes, alternativos e individualizados. Nas últimas décadas, certas expressões musicais têm reclamado novamente o seu sentido ritual e cultural. Na criação destas novas formas de culto, as culturas ou

sub-culturas urbanas e dos subúrbios, exerceram uma influência especial, que tem uma forte expressão na linguagem musical.

Muitos dos fenómenos musicais contemporâneos manifestam aquilo que poderíamos comparar com um retorno aos cultos místicos da Antiguidade! Géneros musicais como o **“Punk”**, **“Heavy Metal”**, **“Black Metal”**, **“Hard Rock”**, com as suas múltiplas variantes (algumas das quais veremos a seguir), incitam o iniciado à alienação extática e ao submetimento das suas faculdades de percepção, raciocínio, vontade e afectividade, a um estado artificial de suspensão da realidade, ou melhor de suspensão da relação do indivíduo massificado, com a realidade, transportando-o para um estado de letargia induzida, como forma de fuga à consciência. São estados de descontrolo artificial das faculdades humanas pelo som e pelo movimento, abstraindo aqui, do facto destes fenómenos serem, quase sempre, acompanhados pelo consumo de substâncias psicotrópicas ou outras drogas (álcool, extasy, heroína, cannabis nas suas múltiplas formas, etc.)

Se nos cultos místicos toda esta fuga da realidade tinha como função, em primeiro lugar, entrar na esfera do sagrado, possibilitando deste modo o contacto extático com as divindades, com base na convicção comum de que o estado de consciência pleno e normal não permitia este contacto e este acesso, hoje, estes fenómenos musicais massificados e massificadores mais radicais, recusam a realidade em que vivemos e procuram fazer sair o indivíduo de si mesmo, do mundo e da história. Só que neste caso, isto não acontece para ligar o indivíduo a nenhuma “divindade” nem a coisa nenhuma, mas apenas para anestesiar o sentimento e a razão, a memória e a inteligência, pondo fim à vontade e criando uma espécie de autismo existencial que recusa o sofrimento e a contrariedade a todo o custo.

É um novo culto, sem endereçado, niilista, esvaziado de sentido. Perante a dificuldade de encontrar um sentido para muitas das situações que a vida e o mundo contemporâneos nos apresentam, estes novos cultos recusam essa busca do sentido perdido. Perante as situações sem sentido, respondem com situações que não reclamam, nem querem nenhum sentido, não correndo assim, o risco de o perder.

São fenómenos de radicalismo exacerbado, que encontram em certas expressões musicais o seu suporte estético-linguístico para se manifestar. Estou convencido que traçam um caminho sem futuro, já que não apontam nenhuma perspectiva (muitas vezes não querem mesmo apontar nenhuma!), esgotando-se no seu próprio acontecer e dissolvendo-se no ritmo e no ciclo efémero das modas.

No entanto, há fenómenos musicais que apontam noutras direcções, assumindo e reclamando a missão reivindicativa e libertadora da condição humana, que a música sempre exerceu. Sem querer ser exaustivo e porque se trata de uma área que ainda falta estudar de uma forma mais aprofundada e sistemática, tentarei dar uma panorâmica geral de algumas das principais expressões musicais que foram surgindo nesta linha, a partir do século passado. Recuando às primeiras décadas do século, anos 20, o **Jazz** surge como expressão da alma da cultura negra norte americana, dos seus anseios e das suas exigências de liberdade, dignidade e igualdade.

Mais tarde, pelos anos 50, a mistura dos blues, com o *country*, o *gospel*, o *pop tradicional*, o próprio *jazz* e o *folk*, dão origem a uma estrutura musical simples, de forte pulsação rítmica e movimentando-se em fórmulas harmónicas básicas que constituiu o **Rock'n'Roll** que vai evoluir ao longo dos anos em estilos musicais bem variados. Nomes como Elvis Presley, The Rolling Stones, Bob Dylan, corporizam este estilo.

Sucessor do Rock'n'Roll, vai surgir, já nas últimas décadas do século, o **Rock Alternativo ou Independente** que sobrevive fora dos grandes editores e circuitos comerciais, procurando um lugar no topo sem fazer concessões aos movimentos estabelecidos. Alguns grupos conseguem atingir este objectivo, como os "**Bauhaus**", "**The Cure**", "**Nirvana**".

Também nesta altura, outras linguagens musicais aparecem como espaço de criação de novos ídolos, onde a exploração de melodias fáceis e o estilo com que os músicos se apresentam é mais importante e decisivo do que a complexidade e elaboração musicais. É um fenómeno terminal do séc. XX, designado por **Britpop** (de origem britânica), que é representado por grupos como os "**Blur**", "**The Ston Roses**", "**Ash**", e os "**Maniac Street Preachers**" (*Maníacos Pregadores de Rua* – clara provocação a certos fenómenos religiosos de rua que hoje vemos proliferar).

Entretanto, na linha dos novos cultos que temos vindo a referir, a segunda metade do século passado viu também nascer algumas correntes musicais que exprimem, manifestam e incitam a posturas e atitudes mais agressivas, mais radicais, que se constituem verdadeiros movimentos de contestação social e proclamam formas alternativas de ver e viver a realidade. A música apresenta-se, desta forma, como uma das mais versáteis, polémicas e poderosas expressões do ser humano.

É o caso do **Thrash**, **Punk Hardcore** e **Heavy Metal**: fenómenos que manifestam a obsessão pelo obscuro e pelo culto de tudo o que rodeia o "*negro*". Este culto é, muitas vezes, levado ao extremo com alusões a entidades míticas e a símbolos satânicos, como é o caso do **Black Metal**.

Grupos como os "**Emperor**", "**My Dying Bride**", "**Deicide**", corporizam este movimento musical.

Estes movimentos mais radicais iniciam-se com o Heavy Metal e o **Hard Rock** que aparecem nos finais da década de 60, com um estilo de rock agressivo e psicadélico, que vai dar origem a outros géneros, como o **Speed Metal**, o **Death Metal** e o já referido Thrash, (década de 80), possuindo letras que abordam temáticas de uma quase obsessão compulsiva por temas mórbidos. São grupos como os "**Cannibal Corpse**" (*Cadáver Canibal*), "**Malevolent Creation**" (*Criação Malévola*), "**Entombed**" (*Sepultados*), "**Corrosion of Conformity**" (*Corrosão da Conformidade*), "**Anthrax**", "**Sepultura**", "**Metallica**", "**AC/DC**", "**Iron Meiden**", entre outros.

O **Hip Hop** dos anos 80, começa por revolucionar o campo da música negra, tornando-se rapidamente um suporte de mensagem sem cor nem etnia. É um estilo musical que se assume como um movimento de expressão cultural, veiculando ideias, filosofias e conceitos assentes normalmente na revolta e na fúria, que encontra nos grupos carenciados e marginalizados urbanos o seu espaço de desenvolvimento. Grupos como os "**The Fat Boys**", "**Public Enemy**", "**Beastie Boys**", representam este movimento.

O **Noise Rock**, opta por sonoridades caracterizadas pela simples exploração do poder do som. Aparece nos finais dos anos 90, com a utilização do bem conhecido som distorcido de guitarras eléctricas, mas aqui preenchendo espaços sonoros sem qualquer tipo de arquitectura rítmica coerente. Grupos como os "**Sonic Youth**" e "**Big Black**", integram esta corrente. Nesta mesma linha, o estilo chamado **Grindcore**, representado por grupos como "**Napal Death**", "**Naked City**", adopta letras tortuosas e quase imperceptíveis, pois se integram numa brutalidade sonora avassaladora, que sugere muitas vezes ausência de qualquer estrutura musical.

Como dissemos, não podemos, nem queremos ser exaustivos, mas esta pequena amostra é reveladora da força criativa e intervencionista, embora muitas vezes marginal, destas correntes que, ao mesmo tempo, se constituem como cultos. Termino com uma última reflexão.

6. Nova religião?

Estaremos perante a criação de **Novas Religiões** ou anti-religiões? Não creio que assumam essa dimensão, mas estamos, sem dúvida, perante novas formas de culto. No entanto, essa não é a questão mais pertinente. A verdade é que já não estamos a responder, pelo menos para muitos, à necessidade de sentido e acesso à realidade que, para além do espaço e do

tempo, enquadra e dá sentido ao ser humano, como ser vivente, espiritual, racional, emocional e livre, levando-o à busca de outras respostas e de outros cultos.

Todos estes fenómenos culturais e culturais devem ser entendidos fundamentalmente como uma das matizes do ressurgimento do religioso e como uma interrogação e um desafio para nós. Se eles não põem em causa a permanência da Revelação, pelo menos colocam-na em questão e desafiam-na a encontrar novas presenças, novas respostas e novas expressões, na certeza de que a idolatria é sempre uma sacralização enganosa.

JOSÉ PAULO ANTUNES

Bibliografia usada

- Mikel DUFRENNE, *Phénoménologie de l'expérience esthétique*. Paris 1953.
- Hans-Georg GADAMER, *Hermeneutik I: Wahrheit und Methode. Grundzüge einer philosophischen Hermeneutik*. Tübingen 1990.
- Barry KERNTOLD (ed.), *The New Grove Dictionary of Jazz*. 2ª ed. Londres 2002.
- Stanley SADIE e John TYRRELL (ed.), *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*. 2ª ed. Londres 2001.
- Wolfgang SUPPAN, *Der musizierende Mensch. Eine Anthropologie der Musik*. Mainz 1984.

Abstracts

- PANNENBERG, Wolfhart – *Jesus Christ – our faith's wisdom in the true and only God*. p. 337-345
- IDEM – *Faith in God and culture's criticism*. p. 347-356

The well known German theologian begins to make a quick survey of the history of Christianity, in order to show how deep Christianity criticized and gave much to the culture(s) that became in contact with the Gospel. This way begun in Israel, what consequently met in place of discussion the question of idolatry. Israel too encountered other cultures. The image of the God of Israel had, nevertheless, some characteristics in common with Greek philosophy, the first real challenge to Christian faith.

Therefore, the author compares the image of the God of Jesus with the image of Greek culture, in order to give some clues to practical theology, mainly in what concerns the difficult matter of inculturation.

- COUTO, A. – *The Bible and the struggle against the Idolatry*. p. 357-370

This text refers some canonical places of the Idolatry, making use from the lectures of Jean-Luc Marion and the accurate analysis from P. Beauchamp. On this paper, the author solves the sense of idolatry: the idolatrous a idol project and conceals at the back of oneself to commands yourself, ascending at the Dame time as master as slave (idolatric circle). The man makes up the same image to yourself, to be similar after the image that he makes. If lively Man makes a death image, should be natural, that she is similar to him, as death.

The Bible reviews harshly the idolatric cultures pre-moderns, from Egyptian, Canaan and Babilonical cultures, because they are inhuman, steady in the falsehood of constrained gods, without alterity and transcendence. There is not possible or the relation to divine with free love, or the relationship with near as responsibility.

It is a closed world and fetid in that the person has value not by the responsibility to God and the near, but to make as partner and to be clerk from